



## O VÍDEO COMO LINGUAGEM (DO) NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA DE ESTUDO DA PAISAGEM NA E.E. PROFESSOR JOSÉ FERNANDES MACHADO

Solange Maria Miranda Fernandes de Ataíde <sup>1</sup>

Pablo Sebastian Moreira Fernandez <sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como tema central a utilização do vídeo enquanto linguagem e recurso instrumental para o ensino e aprendizagem do conceito de Paisagem na Geografia no Ensino Médio. Reflete sobre a inserção e impactos das técnicas e tecnologias de produção, reprodução e circulação de imagens na sociedade, sobretudo na escola. Vivemos em um mundo onde as “transformações aceleradas” se evidenciam mediante à revolução técnica, científica e informacional e à globalização. Tais transformações se demonstram dinâmicas – nas relações educacionais, políticas, econômicas, sociais – e se intensificaram com o advento da pandemia provocada pelo SARS-CoV-2 (COVID-19), acelerando o processo de convergência digital. Expõe nessa conjuntura, um estudo teórico da Paisagem no contexto da Geografia acadêmica e escolar, assim como sua abordagem a partir da linguagem do vídeo, direcionando suas potencialidades em processos de construção do conhecimento através de experiências com a produção, considerando o desenvolvimento de habilidades e competências no campo da aprendizagem. Propõe a linguagem do vídeo como produto central e seus subprodutos: oficinas com produção de vídeos pelos estudantes e sua mostra acessível à comunidade escolar. Demonstra que a importância dessa linguagem se confirma ao compreender que o processo de ensino e aprendizagem pode se dar também pelas inspirações, sensações, imaginações, afetos, olhares, sons, vivências que se agregam ao processo educativo através da potencialização das práticas de ensinar e aprender. Por fim, faz uma reflexão sobre a parceria entre professores e estudantes na construção de conhecimentos através do seu uso no ambiente escolar e nos espaços não formais de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Vídeo, Linguagem, Paisagem, Ensino de Geografia.

### ABSTRACT

This article's central theme is the use of video as a language and instrumental resource for teaching and learning the concept of Landscape in Geography in High School. It reflects on the insertion and impacts of techniques and technologies for the production, reproduction and circulation of images in society, especially at school. We live in a world where “accelerated transformations” are evident through the technical, scientific and informational revolution and globalization. Such transformations are dynamic – in educational, political, economic and social relations – and intensified with the advent of the pandemic caused by SARS-CoV-2 (COVID-19), accelerating the process of digital convergence. At this juncture, it exposes a theoretical study of Landscape in the context of academic and school Geography, as well as its approach based on the language of video, directing its potential in processes of knowledge construction through experiences with production, considering the development of skills and skills in the field of learning. It proposes the language of video as a central product and its sub-products: workshops with video production by students and their exhibition accessible to the school community. It demonstrates that the importance of this language is confirmed by understanding that the teaching and learning process can also take place through inspirations, sensations, imaginations, affections, looks,

<sup>1</sup> Mestra em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, solange.ataide@yahoo.com.br;

<sup>2</sup> Professor Doutor em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, pablosmfernandez@gmail.com.

...sounds experiences that are added to the educational process through the enhancement of teaching and learning practices. Finally, it reflects on the partnership between teachers and students in the construction of knowledge through its use in the school environment and in non-formal learning spaces.

**Keywords:** Video, Language, Landscape, Geography Teaching.

## INTRODUÇÃO

Qual a potência da linguagem do vídeo para o estudo da Geografia e de seus conceitos, em especial da categoria paisagem? Como esta linguagem pode se ampliar na prática do professor como possibilidade de criação, interpretação e análise do espaço geográfico? Essas inquietações se inserem num contexto norteador para o estudo da paisagem através da produção e difusão de produtos videográficos em um espaço escolar.

Esta escrita é derivada da dissertação<sup>3</sup> intitulada “O Vídeo como Linguagem (do) no Ensino de Geografia: uma proposta de estudo da paisagem na E.E. Professor José Fernandes Machado”, desenvolvida com estudantes da 2ª série do Ensino Médio. A proposta se deu em dois contextos distintos: teve início em um momento “crítico” marcado pela pandemia global motivada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), o que suscitou a suspensão de atividades escolares presenciais, sendo substituídas pelo formato de ensino remoto; e, sua conclusão que se deu no formato presencial, a partir da retomada das atividades escolares.

Assim, o período de distanciamento social trazido pela pandemia, fez surgir uma sala virtualizada, que nos oportunizou ressignificar o uso do vídeo, não só como uma opção de recurso didático, mas como forma de se criar estratégias de resistência e sociabilização, do resgate de memórias e troca de afetos, do falar dos anseios, expectativas e perspectivas de vida.

Com isso, elege-se como processo investigativo, uma reflexão teórica e conceitual sobre as linguagens contemporâneas no ensino da Geografia que culmina em uma prática educativa ou narrativa, considerando a proposta de Fernandez (2022, p.147), para quem o “exercício de apropriação linguística torna-se um mote para consolidação de um campo de exploração da Geografia e as imagens [e sons], não mais entendida [s] como recurso [s], mas fonte de sentido”.

Os professores Wenceslao Machado de Oliveira Jr. e Gisele Girardi distinguem duas perspectivas de investigação sobre as diferentes linguagens no ensino de Geografia. A primeira aponta para a linguagem denominada “criativa”, baseada na necessidade de buscar aparatos e recursos que resgatem a motivação e o interesse dos estudantes durante as aulas na direção da

---

3 Defendida no Mestrado Profissional em Geografia (GEOPROF) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, no ano de 2023.

aprendizagem. A segunda, auferir a linguagem como uma narrativa produtora de sentidos, “criadora” de conhecimentos, não sendo apenas um ato comunicativo, mas que possui uma dimensão pedagógica e educativa geradora de saberes e pensamentos acerca do espaço geográfico<sup>4</sup>.

Refletindo sobre o que os autores acima citados apresentam no texto “Diferentes linguagens no ensino de Geografia”, tomaremos o vídeo neste trabalho como uma linguagem “criadora de mundos e de pensamentos [...] como parte inseparável do conceito e da informação que chega aos nossos alunos, que os toca, que os afeta a ponto de fazê-los pensar ou, mais intensamente ainda, a ponto de fazê-los calar.”<sup>5</sup>

Pensar que a linguagem do vídeo, ao adentrar a sala de aula, colabora para a criação de um imaginário social, envolvido por afeto e subjetividade, em que a partir do que vemos e ouvimos construímos e internalizamos conhecimentos e saberes, faz-me crer que os estudantes podem se sentir sujeitos integrantes da paisagem, além de compreender os conceitos e a importância em estudar a Geografia.

Nesse sentido, o que a pesquisa revelou, é a potência da linguagem do vídeo como mobilizador de afetos e vários sentidos humanos, articulando sons e imagens em movimento, dinamizando e criando entradas na paisagem geográfica.

Pensar o vídeo como possibilidade educativa na sala de aula, significa não só utilizá-lo como recurso ilustrativo de um conceito, mas também como possibilidade expressiva e de tomada de consciência de si e do mundo.

## **METODOLOGIA**

Nesse contexto educacional em que a cultura digital torna-se contundente, a linguagem do vídeo se torna privilegiada por mediar as interações e impulsionar o protagonismo dos estudantes, e no caso deste texto, dos estudantes das 2<sup>as</sup> séries A e B do Ensino Médio, da Escola Estadual Professor José Fernandes Machado, localizada em Ponta Negra, bairro da Zona Sul de Natal/RN.

Estudar a paisagem geográfica a partir do entorno escolar, se mostra um potente campo de acesso ao espaço geográfico, pois os sujeitos ao circularem pelo bairro, rumo ao estudo, trabalho, brincadeiras, estabelecem vínculos que os permitem compreender as diferentes formas e dinâmicas do espaço. A partir do vídeo, estes sujeitos puderam atuar na criação de um

---

<sup>4</sup> OLIVEIRA JR.; GIRARDI, 2011, p. 2.

<sup>5</sup> OLIVEIRA JR.; GIRARDI, 2011, p. 6.

imaginário a respeito de sua escola, de seu bairro e de sua comunidade, ampliando limites, fronteiras ou demarcações político-econômicas.

A metodologia de produção do vídeo se funda em processos de experimentação, no qual relataremos em dois movimentos. Uma das experimentações teve a intenção de trabalhar como os vídeos podem ser produzidos. Foram ministradas oficinas no formato online e, posteriormente com o retorno das aulas presenciais, também foi ministrada presencialmente. As oficinas tiveram início com estudos teóricos e prosseguiram com aspectos técnicos e instrumentais visando à produção dos vídeos. Tal momento foi marcado pela criação, difusão e reflexão crítica acerca dos vídeos e produtos audiovisuais que foram sendo produzidos, naquele momento enfatizando como tema das paisagens e os espaços vividos da escola<sup>6</sup>.

Junto deste início de processo experimental, realizamos atividades integradas com outros sujeitos e áreas de conhecimento, como um trabalho interdisciplinar entre a Geografia e Língua Portuguesa, no qual pôde-se aprofundar elementos da estrutura e características do gênero documentário, como também a diferenciação entre longa e curta-metragem, a linguagem cinematográfica e a construção de roteiros. Esta parceria, culminou com a realização de uma mostra de curtas-metragens, que teve como convidada uma produtora audiovisual e documentarista potiguar que compartilhou suas experiências e seus conhecimentos, tocando em elementos da pré-produção, produção e pós-produção de curtas e longas-metragens, além de apresentar alguns de seus documentários.

Faz-se necessário ressaltar que tais documentários conduziram os estudantes – a partir da memória e das narrativas dos primeiros habitantes – a refletirem e elaborarem um pensamento espacial sobre a formação do seu bairro, sobre as paisagens que foram se alterando com o passar do tempo, com a construção de fronteiras erguidas pelo turismo, com o crescimento da desigualdade social, com a emergência de uma luta pelo direito à moradia em um bairro que vem sofrendo nas últimas décadas, um acelerado crescimento urbano motivado também pela especulação imobiliária.

Após este primeiro encontro, se deu o processo de elaboração dos vídeos pelos estudantes a partir do contato deles com a linguagem (em seus aspectos técnicos e expressivos) do vídeo no estudo das paisagens do bairro e da escola. O desenvolvimento dos vídeos se deu a partir do trabalho em grupos, os quais partiam de algumas temáticas previamente definidas, como: Cultura, Economia, Meio Ambiente e Trabalho.

---

<sup>6</sup> De modo a operacionalizar o projeto de pesquisa e consolidar parcerias já existentes entre a escola e a UFRN, foi criado um Projeto de Extensão intitulado “VideoGrafando Paisagens: oficinas de vídeo e linguagens audiovisuais no Machado.

Nesta fase de gravações, utilizou-se como principais recursos para a captação das imagens e sons, os telefones celulares com câmeras dos próprios estudantes, além de outros equipamentos fornecidos pelos professores.

Como fase final de edição, se deram encontros entre os grupos no qual se deu a seleção de imagens, áudios, narração em *off*, inserção de legendas, aplicação de filtros, renderização, além de um grupo que representaria de forma fictícia algumas situações vividas no processo. De modo geral, verificou-se a presença em sua maioria, de produtos caracterizados como minidocumentários, principalmente pelo compromisso de estarem ancorados na realidade observada, porém conscientes de que seus vídeos deveriam ser compreendidos como uma representação parcial e subjetiva da realidade.

Concluída a fase de experimentações, realizamos uma mostra dos vídeos produzidos para ambas as turmas, uma roda de conversas e o compartilhamento de um questionário com a finalidade de avaliarem as suas produções e dialogarem com a de seus colegas, assim como expressarem quais foram as impressões e os conhecimentos que emergiram da experiência com o vídeo no contexto de aprendizagem.

Como culminância, os vídeos foram exibidos para a comunidade escolar em evento anual, a Feira do Conhecimento e Cultura, caracterizando a circulação dos mesmos e promovendo a reflexão por parte de quem os assistiu em relação aos temas abordados em cada produção.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A sociedade contemporânea está marcada pelos avanços na comunicação, na informática e por outras tantas transformações e inovações tecnológicas nos diversos segmentos da sociedade. Isso tem estimulado e contribuído para um trabalho mais dinâmico em sala de aula. De acordo com Moletta (2009), a inovação tecnológica na realidade das salas de aula reflete sobre o acesso das pessoas a esta linguagem, competindo à educação adaptar-se aos avanços das tecnologias e direcionar o caminho para o domínio e o apoderamento crítico desses novos meios.

A produção de vídeo para sistematização de informações e abordagem dos conteúdos tem possibilitado a expansão da informação, estimulado a curiosidade e a criatividade dos estudantes em busca do conhecimento, sendo o vídeo uma linguagem de ampla facilidade de divulgação na atualidade em virtude da difusão massiva nas redes sociais.

Ao expor esta realidade, Jorge Larrosa (2002) vê como possibilidade a valorização do que ele denomina “saber da experiência”, que, em contraponto à constante associação que o mundo moderno faz entre informação, conhecimento e aprendizagem, o resgate da experiência se dá justamente em oposição a um mundo apressado e sem tempo (o que no espaço virtual geram outros dilemas de vivências).

O vídeo pode ser uma potência educativa como linguagem por ser capaz de acionar inúmeros sentidos humanos, visto que é uma linguagem que articula sons e imagens em movimento, dinamizando e criando uma entrada na paisagem geográfica. Além disso, é dada a possibilidade da criação de canais de expressão, de popularização de narrativas e falas que tratam da relação em que o homem desenvolve com a natureza, das problemáticas locais, de anseios das comunidades ou de experiências espaciais.

O ensino dos temas na Geografia, portanto, dotado de procedimentos que visam integrar a disciplina às formas de desenvolvimento social, alcança no espaço as novas formas de educação, integradas a tecnologias. O vídeo auxilia o professor, atrai os estudantes, mas não modifica substancialmente a relação pedagógica.

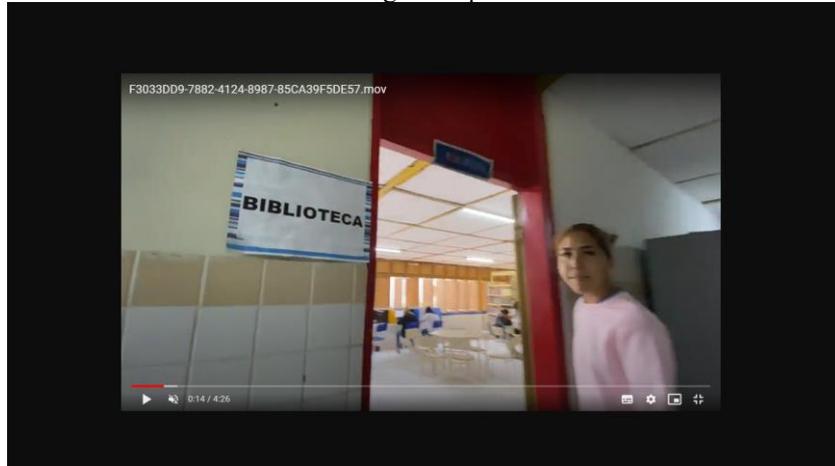
No entanto, a produção do vídeo e seus usos aproxima a sala de aula do cotidiano, das linguagens de aprendizagem e comunicação da sociedade, além de introduzir novas questões ao processo educacional. Ao se utilizar do vídeo para a exploração de conteúdos e conceitos, uma nova forma de ver e perceber os assuntos se apresenta, contribuindo para o desenvolvimento da aprendizagem.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudantes já possuem uma certa familiaridade com o uso dos recursos disponíveis em seus aparelhos celulares – no caso de quem possui – portanto, acreditamos que o direcionamento metodológico e temático para o estudo das paisagens geográficas, considerando os aspectos teóricos e práticos da linguagem do vídeo são fortes potencializadores para seus processos de formação educacional. A seguir, sistematizamos a partir das temáticas trabalhadas, os vídeos produzidos nas oficinas, utilizando *frames* deles.



**Figura 01** – Recorte do vídeo “A Paisagem daqui se ‘Ler’ Melhor” – turma 2ª série A.



Fonte: Autoria própria (2022).

Título: A Paisagem daqui se "Ler" Melhor.

Gênero: Documentário.

Duração: 4:29

Direção: Mildiemylly Nagib, Jonatas Gabriel, Maria Eduarda.

Edição: Mildiemylly Nagib.

Ano: 2022.

Sinopse: O verbo "ler" do título dá o tom deste documentário editado de forma dinâmica sobre a importância da biblioteca escolar, que segundo os autores "transborda cultura". Através de entrevistas em linguagem descontraída, os entrevistados falam da presença da leitura em suas vidas e de questões infraestruturais encontradas neste espaço, bem como os inúmeros sentidos que este espaço mobiliza. A diversidade de livros, a presença de mangás e cordéis, tornam-se um atrativo para o público que a frequenta.



**Figura 02** – Recorte do vídeo de “Paisagem da economia no bairro de Ponta Negra” – turma 2ª série B.



Fonte: Autoria própria (2022).

Título: Paisagem da economia no bairro de Ponta Negra.

Gênero: Documentário.

Duração: 3:29

Direção: José Lucas Rodrigues, José Mikael Safanelli, Lucas Matheus Silva, Natacha Silva.

Edição: Solange Ataíde e Miranda Junior.

Ano: 2022.

Sinopse: O vídeo se dá na forma de entrevista apresentando sujeitos próximos à vida dos estudantes, com foco no trabalho e no cotidiano da orla e da vila de Ponta Negra através do olhar dos estudantes do Machadão. Apresenta um quadro sobre os tipos de trabalho (informal e formal) realizados nesta paisagem, sendo esta em constante mudança, dinâmica observada nos períodos de temporada e baixa estação, nos dias e noites. O ritmo é marcado por um coco, ritmo comum na vila de Ponta Negra.



**Figura 03** – Recorte do vídeo de “Duas realidades do Machado” – turma 2ª série A.



Fonte: Autoria própria (2022).

Título: A duas realidades do Machado.

Gênero: Experimental.

Duração: 2:11

Direção: Pedro Augusto, Karla Paiva, Sahrah Rosemberg, Rodrigo Logotnes, Íris de Lima, Cleciane do Carmo, Ana Clara.

Edição: Solange Ataíde e Miranda Junior.

Ano: 2022.

Sinopse: O vídeo se constrói a partir de uma sequência de frames que buscam apresenta a paisagem natural e construída do Machado. A primeira parte com tomada a cor indica uma paisagem contemplada, enquanto a segunda feita em P&B foca o lixo, o entulho e uma quadra "abandonada" construindo uma paisagem topofóbica.



**Figura 04** – Recorte do vídeo “Pescador” – turma 2ª série B.



Fonte: Autoria própria (2022).

Título: Pescador.

Gênero: Documentário.

Duração: 4:32

Direção: Alex Gabriel, Iuri Cardoso, Manoel Lairton, Paulo Henrique e Thawan Everton.

Edição: Paulo Henrique.

Ano: 2022.

Sinopse: Vídeo que se inicia no formato de um programa jornalístico e realiza uma entrevista com o pescador Almir Carlos de Lima, relatando sua história de vida como pescador morador da vila de Ponta Negra. A sequência apresenta uma série de fotografias e vídeos extraídas de arquivos pessoais sequenciados pela música Jangadeiro (dos potiguares Dudé Viana e Celso Pinheiro), expressando e indicando o reconhecimento de uma identidade ligada ao “ser” pescador da Vila de Ponta Negra.

Como assegura Fresquet (2013, p. 62), o vídeo “inclina a escola para frente, mas também para trás, para os lados, a deixa de ‘pernas para o ar’ mais de uma vez; basicamente a desestabiliza”. Assim, os estudantes destacaram que aprender um conteúdo da Geografia utilizando a linguagem do vídeo é uma experimentação nova e que se demonstrou bastante relevante para o desenvolvimento da aprendizagem.

Ainda sobre a experiência, em especial a da mostra, resgatamos a fala de Oliveira Jr, Nunes e Girardi (2021), assegurando que o ato de assistir ao vídeo (e sua característica de produto coletivo) em sala de aula, revela um encontro em que não há hierarquias ou falas mais autorizadas que outras, pois os estudantes, ao assistirem a um vídeo, não estabelecem uma relação que coloque os corpos de frente uns para os outros, espelhando o enfrentamento de quem sabe e de quem não sabe. Todos se colocam no mesmo sentido, de frente para a tela. Tais relatos de experiência associados aos momentos de socialização dos vídeos e diálogos, tornou-se espaço de interação entre si, por meio dos quais puderam expressar suas surpresas, seus anseios, sua admiração e sua formação crítica daquilo que acharam ou não positivo e o que poderia ser diferente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que, a Geografia produzida por estes estudantes no período desta pesquisa, conduz-nos a uma leitura da capacidade de raciocínio crítico, de uma leitura e proposição de ações pautadas na realidade, trazendo um espaço geográfico plural, multifacetado, complexo e de resistência para o interior da sala de aula. O trabalho com o vídeo com estas turmas, abriu a porta para “outras” linguagens presentes no cotidiano destes jovens: o videoclipe, a música, a dança, as piadas, os memes, o *Tiktok*. E durante estas oficinas e práticas, estas se tornavam uma camada de saberes que se adensava, remixando geografias, ultrapassando a ideia de produto ou recurso didático.

Sendo uma pesquisa que dá centralidade para a ideia de experiência como movimento do conhecimento, é importante contextualizar os desafios que se apresentaram. Limitações referentes ao acesso às tecnologias digitais em uma escola pública, a ministrar aulas em um formato não habitual, um vírus do qual pouco se sabia, o adoecimento em diversas instâncias, e ainda no meio de tudo isso, normativas, bem como avaliar a construção e o progresso das habilidades e competências (de um currículo em processo de implementação) dos estudantes.

E mesmo diante deste quadro, devemos destacar o que “nos marcou” positivamente, como o afeto expresso pela escola traduzido na palavra saudade do “estar presente” em oposição ao ensino remoto, no engajamento com as oficinas, com a produção e exposição dos relatos videográficos (tão íntimos) potentes em ludicidade, alegria, afeto e compromisso com a realidade em que habitam. A ideia inicial de um produto educativo, se desdobrou e adquiriu sentido de linguagem, ampliada em movimentos, como as oficinas de captação, produção e edição, que culminou em uma mostra de vídeos acessível à comunidade escolar.



Assim fundamos, com o resgate das duas questões norteadoras que abrem este texto, a primeira que se refere à potência do vídeo em um processo de ensino e aprendizagem no âmbito da Geografia, visto que ele agrega uma linguagem dinâmica a uma técnica acessível, de baixo custo e fácil circulação. Neste caso, ela veio potencializada pelo estudo da paisagem próxima à vida do estudante, carecendo apenas de uma tomada de consciência para estas “geografias cotidianas”. A segunda questão, vislumbra que estes exercícios de comunicação ampliam o papel do professor como “sujeito aberto”, visto que os vídeos produzidos e difundidos apresentam o *status* de autoria coletiva, no qual a coautoria indica um reconhecimento do protagonismo dos estudantes, ela resgata um sentido de horizontalidade na relação de produção do conhecimento. Deste modo, este estudo das paisagens como um espaço dialógico “nos conduz, pouco a pouco, ao sentido de lugar”, um lugar-escola.

## REFERÊNCIAS

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.

FERNANDEZ, Pablo S. M.; GOMEZ, Sandra E.; PRADO, Sabina. A fotografia como linguagem, fonte de investigação e ensino de Geografia. In: GIRARDI, Gisele et all (Orgs.). **Pegadas das imagens na imaginação geográfica pesquisas, experimentações e práticas educativas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 296p.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores de Educação Básica dentro e fora da escola**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2013.

MOLETTA, Alex. **Criação de curta-metragem em vídeo digital: uma proposta para produções de baixo custo**. São Paulo: Sammus, 2009.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M.; NUNES, Flaviana Gasparotti; GIRARDI, Gisele. As telas da escola: cinema e professores de geografia - perguntas e reflexões em torno de uma pesquisa. **Revista Educação Temática Digital**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 415-429, abr./mai., 2021.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M.; GIRARDI, Gisele. Diferentes linguagens no ensino de Geografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 2011. Goiânia. **Anais do XI Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia**. Goiânia, 2011, p. 1-9.

\_\_\_\_\_. O cinema como diferença na linguagem do ensino de geografia: uma cartografia provisória. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 19, p. 45-66, jan./jun., 2020. Disponível em: <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/872>>. Acesso em: 19 jan. 2022.